

“O INTELLECTUAL, OU É CRÍTICO OU NÃO CHEGA A SER UM CRIADOR”

Fernando Henrique Cardoso

Começo por agradecer. E por me penitenciar. Agradeço a meus companheiros de profissão, os escritores. Deram-me o prêmio Juca Pato. E foram generosos: não o deram por um livro, mas pela minha obra.

Sou realista o bastante para, ao receber a homenagem, colocá-la em perspectiva. Este prêmio é também um incentivo àqueles que fazem da atividade cultural uma profissão no sentido amplo. Modo de viver, modo de crer, modo de agir.

A lista dos agraciados com o Juca Pato mostra que a União Brasileira dos Escritores valoriza aqueles que se tornaram trabalhadores intelectuais e que, por isto mesmo, não se encastelaram em seu saber. Cultura é vida. Cultura viva é participação. No Brasil, mormente nos últimos decênios, para ser decentemente um intelectual era-se, de imediato, um político. Não no sentido partidário. No sentido mais amplo: alguém que se posiciona, que se indigna, que deixa os cuidados próprios para expor-se à opinião pública, para formar-se ao calor dela e para formá-la também.

Penitencio-me; disse. Penitencio-me porque — já lá vão mais de 20 anos — ao deixar o Brasil tangido pelos percalços do autoritarismo, se contive a lágrima não pude conter o sentimento de haver sido rejeitado. Terra ingrata, quase pensei.

Quase ingrato fui eu. Recebi, pelo mundo afora, recompensas e até honrarias. Mas poucos poder-se-iam queixar da própria sorte e da própria gente como eu. Nos vários regressos de exílios ou de afastamentos, voluntários, semi-voluntários e até obrigados, sempre — e quanto! — recebi o carinho, o reconhecimento e o estímulo de quase todos.

Confesso agora: o que mais comove, o que mais toca, o que mais emociona no intelectual que se tornou político é precisamente o incentivo dos colegas de profissão. Tantas são as razões para o desdém dos que se apartam da Universidade e das bibliotecas que o mínimo sinal de aceitação já agrada. A homenagem, então, comove e entusiasma.

Senhoras e senhores,

Sou sim um intelectual. Digo-o sem jactância, mas como quem declara sua profissão. Os que algo sabem, neste País, têm um compromisso inescusável, o de atuar para que a injustiça que nos rodeia seja transitória.

O intelectual ou é crítico, ou não chega a ser um criador. Ou se dá por inteiro, não apenas à sua profissão mas a seu povo, ou se torna um tartufo, um usufruidor da miséria alheia.

Intelectual e político, político verdadeiro, neste aspecto, querem dizer a mesma coisa: inconformista.

Lutei, Sr. Presidente, lutei, Sr. Governador, lutei meus colegas e meus companheiros, para mudar o Brasil. Lutei ao lado dos grevistas, sim, quando os trabalhadores começavam a mover-se por conta própria no passado recente, em pleno autoritarismo.

Lutei para que a condição de vida dos mais pobres, pois que esta opção é correta e não só para a Igreja, melhorasse. E luto ainda.

Lutei pela anistia. Andei pelas prisões com Teotônio Vilela, sim senhores.

Lutei, ainda ontem, com muitos dos senhores aqui presentes, para que tivéssemos logo as eleições diretas para Presidente.

Luto agora, e sem pejo disso, para que a reforma agrária — em boa hora em estudo e esperemos que logo em execução no Governo de V. Exa., Presidente Sarney — seja uma realidade aceita e compartilhada pelo País, não para agravar conflitos, mas para modernizá-lo, para melhorar a condição de vida dos que trabalham e para incentivar os que produzem.

Luto para que a nova legislação social assegure na prática o que quase todos apreçoam nos discursos.

“Luto ao lado dos que, no Governo, ou fora dele, são fiéis ao compromisso de resguardar os interesses soberanos do Brasil na negociação da dívida. E apóio os esforços efetivos do Governo para melhorar o nível de salário da imensa maioria dos trabalhadores.

Confio no processo democrático. Confio em que a futura Assembléia Nacional Constituinte será livre e soberana.

Empenhei-me a fundo para que houvesse uma transição política. Não recusarei agora as urnas, que são a espada e o escudo do político.

Lutei, luto e continuarei lutando na política.

Mas nada disso, para mim, há de me separar da vida intelectual. Porei meus conhecimentos a serviço de causas populares, como sempre fiz. E continuarei a ser um crítico. Crítico de mim mesmo. Crítico, no âmbito apropriado e no limite do responsável, dos próprios governos que sustento e cuja política defendo. Governos cujas primeiras medidas para assegurar a democracia e para cumprir as promessas da campanha de Tancredo Neves não decepcionaram.

E nesta medida, procurando aprender com a prática e refletir sobre ela, continuarei afirmando que para mim, ciência e política são vocação. Vocação, chamamento, aprendizado permanente e devoção.

É com este espírito que recebo este prêmio. Agradeço a presença do Exmo. Sr. Presidente da República, que me tem distinguido pessoalmente e de quem não me tem faltado o apoio político. Agradeço ao Governador, amigo prestante, homem realizador e decente — qualificação rara em nossa terra, que por si só vale a mudança já alcançada em São Paulo. Agradeço ao escritor Fábio Lucas e, no nome dele, a todos quantos têm mantido viva a imagem do escritor combativo.

Peço a todos que exijam mais e cada vez mais de mim, pois quem teve a ventura de ver-se tão generosamente homenageado deve retribuir trabalhando, lutando, sendo sincero e entregando-se integralmente à causa da democracia e da luta por maior igualdade, para que muitos outros possam ter a formação que eu tive; que devo a São Paulo, aos meus mestres, aos meus colegas, aos meus alunos, ao desafio de ter vivido num país cuja potencialidade de prosperidade não pode continuar sendo maculada pela injustiça e pela desigualdade que ainda nos circundam.

